

# NICK DUNNE O DIA DO

Quando penso em minha esposa, penso sempre em sua cabeça. No formato dela, em primeiro lugar. Quando nos conhecemos, foi na parte de trás da cabeça que eu reparei, e havia algo adorável nela, em seus ângulos. Como um grão de milho duro e reluzente, ou um fóssil no leito de um rio. Era o que os vitorianos chamariam de uma cabeça belamente formada. Dava para imaginar o crânio com bastante facilidade. Eu reconheceria sua cabeça em qualquer lugar. E o que havia dentro dela. Também penso nisso: sua mente. Seu cérebro, todas aquelas espirais, e seus pensamentos disparando por essas espirais como centopeias rápidas e frenéticas. Como uma criança, eu me imagino abrindo seu crânio, desenrolando seu cérebro e vasculhando, tentando capturar e entender seus pensamentos. No que você está pensando, Amy? A pergunta que eu fiz com maior frequência durante nosso casamento, embora não em voz alta, não à pessoa que poderia responder. Suponho que essas indagações parem como nuvens negras sobre todos os casamentos: No que você está pensando? Como está se sentindo? Quem é você? O que fizemos um ao outro? O que iremos fazer? \* \* \* Meus olhos se abriram exatamente às seis da manhã. Não houve bater de cílios, nenhuma piscadela suave em direção à consciência. O despertar foi mecânico. Um assustador abrir de pálpebras de boneco de ventríloquo: o mundo é negro, e então, hora do show! 6-0-0, dizia o relógio — na minha cara, a primeira coisa que vi. 6-0-0. Foi uma sensação diferente. Raras vezes acordei em um horário tão redondo. Sou um homem de levantares quebrados: 8h43, 11h51, 9h26. Minha vida não tinha alarmes. Naquele exato momento, 6-0-0, o sol se ergueu acima da silhueta dos carvalhos, revelando todo o deus raivoso de verão que havia nele. Seu reflexo cruzou o rio na direção de nossa casa, um comprido dedo apontado para mim através das leves cortinas do nosso quarto. Acusando: Você foi visto. Você será visto. Fiquei enrolando na cama, que era nossa cama de Nova York em nossa casa nova, que ainda chamávamos de casa nova, embora já estivéssemos ali havia dois anos. É uma casa alugada bem na beira do rio Mississippi, uma casa que grita Novo-Rico Suburbano, o tipo de lugar a que eu aspirava quando criança, lá do meu lado da cidade com casas com andares em diferentes níveis e carpetes felpudos. O tipo de casa que é de imediato familiar. Uma casa genericamente imponente e nada desafiadora, nova, nova, a nova casa

que minha esposa iria detestar — e detestou. “Devo deixar minha alma do lado de fora antes de entrar?” Foi sua primeira frase ao chegar. Tínhamos um acordo: Amy exigiu que alugássemos em vez de comprar um imóvel em minha pequena cidade natal no Missouri, com sua firme esperança de que não ficássemos presos aqui por muito tempo. Mas as únicas casas para alugar estavam reunidas naquele condomínio falido: uma cidade-fantasma em miniatura composta por mansões detonadas pela recessão, com preço reduzido, de propriedade dos bancos. Um bairro que foi fechado antes mesmo de abrir. Era um acordo, mas Amy não via aquilo assim, de modo algum. Para ela, era um capricho punitivo de minha parte, um egoísta dedo na ferida. Eu a estava arrastando, como um homem das cavernas, para uma cidade que ela evitara agressivamente, e a obrigaria a viver no tipo de casa da qual costumava debochar. Suponho que não seja um acordo se apenas um dos dois vê dessa forma, mas nossos acordos eram sempre assim. Um de nós sempre estava com raiva. Normalmente Amy. Não me culpe por essa injustiça específica, Amy. A Injustiça do Missouri. Culpe a economia, culpe o azar, culpe meus pais, culpe os seus pais, culpe a internet, culpe as pessoas que usam a internet. Eu era jornalista. Um jornalista que escrevia sobre TV, filmes e livros. Na época em que as pessoas liam coisas em papel, na época em que alguém se importava com o que eu pensava. Eu chegara a Nova York no final dos anos noventa, o último suspiro dos dias de glória, embora ninguém soubesse disso naquele tempo. Nova York estava abarrotada de jornalistas, jornalistas de verdade, porque havia revistas, revistas de verdade, muitas delas. Isso quando a internet ainda era um animalzinho exótico mantido na periferia do mundo editorial — jogue um biscoitinho para ele, veja como dança em sua coleirinha, ah, que bonitinho, ele decididamente não vai nos matar no meio da noite. Pense só nisto: uma época em que garotos recém-formados podiam ir para Nova York e ser pagos para escrever. Não tínhamos ideia de que estávamos iniciando carreiras que desapareceriam em uma década. Eu tive um emprego durante onze anos, e então deixei de ter, rápido assim. Por todo o país, revistas começaram a fechar, sucumbindo a uma súbita infecção produzida pela economia detonada. Os jornalistas (meu tipo de jornalistas: aspirantes a romancistas, pensadores reflexivos, pessoas cujos cérebros não funcionam rápido o bastante para blogar, linkar e tuitar, basicamente falastrões velhos e teimosos) já eram. Assim como chapeleiros femininos ou fabricantes de chibatatas, nosso tempo chegara ao

fim. Três semanas após eu ter sido demitido, Amy perdeu o emprego também, se é que era um emprego. (Agora posso sentir Amy olhando por sobre meu ombro, sorrindo com ironia do tempo que eu passei discutindo minha carreira, meu infortúnio, e de como descartei sua experiência em uma frase. Isso, ela lhe diria, é típico. A cara do Nick, ela diria. Era um bordão dela: A cara do Nick fazer... e o que quer que se seguisse, o que quer que fosse a minha cara era ruim.) Dois adultos desempregados, passamos semanas vagando por nossa casa no Brooklyn de meia e pijama, ignorando o futuro, espalhando correspondência não aberta por mesas e sofás, tomando sorvete às dez da manhã e tirando longos cochilos vespertinos. Então, um dia, o telefone tocou. Era minha irmã gêmea na linha. Margo voltara para nossa cidade natal após a própria demissão em Nova York um ano antes — a garota está um passo à frente de mim em tudo, até na falta de sorte. Era Margo, ligando da boa e velha North Carthage, Missouri, da casa onde crescemos, e enquanto eu escutava sua voz, eu a vi aos dez anos, com uma cabeleira escura e vestindo macaquinho, sentada no cais dos fundos da casa dos nossos avós, seu corpo curvado como um travesseiro velho, suas pernas magricelas balançando na água, olhando o rio correr sobre pés brancos como peixes, muito concentrada, sempre incrivelmente contida, mesmo quando criança. A voz de Go era calorosa e rascante mesmo para dar esta notícia desagradável: nossa indômita mãe estava morrendo. Nosso pai já estava quase lá — sua mente (cruel), seu coração (miserável), ambos funestos enquanto ele vagava rumo ao grande cinza do além. Mas parecia que nossa mãe ia partir antes dele. Uns seis meses, talvez um ano, era o que lhe restava. Estava claro que Go fora encontrar o médico sozinha, fizera anotações detalhadas em sua caligrafia desleixada e estava lacrimosa enquanto tentava decifrar o que havia escrito. Datas e doses. — Ah, merda, não tenho ideia do que é isso. Um nove? Faria sentido? — disse ela, e eu interrompi. Ali estava uma tarefa, um objetivo, apresentado na palma da mão de minha irmã como uma ameixa. Quase chorei de alívio. — Eu vou voltar, Go. Vou voltar para casa. Você não tem que fazer tudo sozinha. Ela não acreditou em mim. Eu podia ouvi-la respirando do outro lado da linha. — Estou falando sério, Go. Por que não? Não há nada aqui. Um suspiro longo. — E Amy? Eu não havia parado para pensar nisso. Simplesmente supus que poderia embrulhar minha esposa nova-iorquina com seus interesses nova-iorquinos, seu orgulho nova-iorquino, afastá-la de seus pais nova-iorquinos — deixar para trás a frenética e excitante

terra do futuro que é Manhattan — e transplantá-la para uma cidadezinha junto ao rio no Missouri, e tudo ficaria bem. Eu ainda não havia entendido quão tolo, quão otimista, quão, sim, a cara do Nick era pensar isso. A infelicidade a que isso iria levar. — Amy ficará bem. Amy... Era nesse ponto que eu deveria ter dito “Amy ama a mamãe”. Mas eu não podia dizer a Go que Amy amava nossa mãe, porque depois de todo aquele tempo Amy ainda mal conhecia nossa mãe. Os poucos encontros haviam deixado ambas perplexas. Amy passava os dias seguintes dissecando as conversas — “E o que ela quis dizer com...” —, como se minha mãe fosse alguma antiga camponesa tribal chegando da tundra com uma braçada de carne de iaque crua e alguns botões para fazer escambo, tentando conseguir de Amy algo que não estava sendo oferecido. Amy não fez questão de conhecer minha família, não quis visitar o lugar onde eu nascera e ainda assim, por alguma razão, achei que voltar a morar na minha cidade seria uma boa ideia.

\* \* \*

Meu hálito matinal esquentou o travesseiro, e eu mudei o assunto na minha mente. Hoje não era dia de se arrepender ou de se lamentar, era dia de fazer. Dava para ouvir, vindo do térreo, a volta de um som havia muito perdido: Amy preparando o café da manhã. Batendo armários de madeira (rump-tump!), chacoalhando recipientes de lata e vidro (ging-ring!), arrastando e escolhendo uma coleção de potes de metal e panelas de ferro (rush-shush!). Uma orquestra culinária se afinando, tilintando vigorosamente rumo ao desfecho, uma forma de bolo rolando pelo piso, batendo na parede com um som de címbalos. Algo impressionante estava sendo criado, provavelmente um crepe, porque crepes são especiais, e hoje Amy iria querer preparar algo especial. Estávamos fazendo cinco anos de casados. Fui descalço até a beira da escada e fiquei escutando, brincando com os dedos dos pés no grosso carpete que ia de parede a parede e que Amy detestava por princípio, enquanto tentava decidir se estava pronto para me juntar à minha esposa. Amy estava na cozinha, alheia à minha hesitação. Cantarolava algo melancólico e familiar. Eu me esforcei para descobrir o que era — uma canção folclórica? uma cantiga de ninar? — e então me dei conta de que era a música tema de M\*A\*S\*H. Suicídio é indolor. Desci as escadas. Fiquei parado na soleira da porta, observando minha esposa. Seus cabelos amarelo-manteiga estavam presos, o rabo de cavalo balançando alegremente como uma corda de

pular, e ela chupava distraída a ponta de um dedo queimado, cantarolando. Ela cantarolava para si mesma porque era uma destruidora de letras sem igual. Quando estávamos começando a namorar, uma canção do Genesis tocou no rádio: “She seems to have an invisible touch, yeah”. E em vez disso Amy cantou: “She takes my hat and puts it on the top shelf”. Quando perguntei a ela por que achava que suas letras eram remota, possível, vagamente corretas, ela me disse que sempre achara que a mulher na canção realmente amava o homem porque ela colocava o chapéu dele na prateleira de cima. Eu então soube que gostava dela, gostava dela de verdade, daquela garota com uma explicação para tudo. É um tanto perturbador recordar uma lembrança calorosa e sentir-se profundamente frio. Amy espiou o crepe chiando na frigideira e lambeu algo do pulso. Parecia triunfante, a típica mulher casada. Se eu a tomasse nos braços, sentiria cheiro de frutas vermelhas e açúcar de confeitiro. Quando ela me viu espiando de samba-canção velha, os cabelos totalmente em pé, se apoiou no balcão da cozinha e disse: — Olá, bonito. Bile e medo tomaram minha garganta. Pensei comigo mesmo: Certo, vá em frente. \* \* \* Eu estava muito atrasado para o trabalho. Minha irmã e eu havíamos feito uma coisa tola quando voltamos para a casa dos nossos pais. Fizemos o que sempre falávamos que queríamos fazer. Abrimos um bar. Pegamos dinheiro emprestado com Amy para isso, oitenta mil dólares, um valor que um dia não fora nada para ela, mas que na época era quase tudo. Jurei que devolveria, com juros. Eu não ia ser um homem que pegava dinheiro emprestado com a esposa — podia sentir meu pai fazendo uma careta apenas com a menção da ideia. Bem, há todo tipo de homem, era sua frase mais condenatória, a segunda metade não dita: e você é o tipo errado. Mas na verdade era uma decisão prática, uma jogada comercial inteligente. Amy e eu precisávamos de carreiras novas; aquela seria a minha. Ela escolheria um algum dia, ou não, mas, enquanto isso, aquilo produziria uma renda, possibilitada pelo resto do pecúlio de Amy. Assim como a ridícula casa que eu alugara, o bar aparecia simbolicamente em minhas lembranças de infância — um lugar aonde apenas adultos iam, fazer o que quer que fosse que adultos faziam. Talvez por isso eu tenha insistido tanto em comprá-lo após ter sido privado de meu ganha-pão. Era um lembrete de que eu era um adulto, afinal, um homem crescido, um ser humano útil, embora tivesse perdido a carreira que havia me tornado todas essas coisas. Eu não iria cometer aquele erro novamente: os rebanhos antes vigorosos de jornalistas de revistas continuariam a ser

abatidos — pela internet, pela recessão, pelo público americano, que preferia assistir à TV, jogar video games ou informar eletronicamente aos amigos que, tipo, chuva é uma droga! Mas não havia aplicativo para uma onda de bourbon em um dia quente, em um bar fresco e escuro. O mundo sempre vai querer uma bebida. Nosso bar é um bar de esquina, com uma estética de colcha de retalhos. Seu melhor elemento é um enorme balcão vitoriano ao fundo, cabeças de dragão e rostos de anjos brotando do carvalho — um extravagante trabalho em madeira nesses dias de plástico vagabundo. O restante do bar é, de fato, vagabundo, uma exibição das mais pobres ofertas do design de todas as décadas: um piso de linóleo da época de Eisenhower, as beiradas viradas para cima como uma torrada queimada; paredes com um dubio revestimento de madeira saído diretamente de um vídeo pornô amador dos anos setenta; luminárias de piso com lâmpada halógena, um tributo acidental ao meu quarto de alojamento dos anos noventa. O efeito final é estranhamente acolhedor — parece menos um bar do que a casa bondosamente decadente de alguém. E jovial: dividimos um estacionamento com o boliche local, e quando nossas portas se abrem, o barulho de strikes aplaude a entrada do cliente. Chamamos o bar de O Bar. “As pessoas vão pensar que somos irônicos em vez de criativamente falidos”, raciocinou minha irmã. Sim, achávamos que éramos espertos à maneira dos nova-iorquinos — que o nome era uma piada que ninguém mais iria realmente sacar, não como nós. Não meta-sacar. Imaginamos os locais torcendo o nariz: por que vocês o chamaram de O Bar? Mas nossa primeira cliente, uma mulher de cabelos grisalhos, com bifocais e um agasalho de ginástica cor-de-rosa, disse: “Gostei do nome. Como em Bonequinha de luxo, em que gato de Audrey Hepburn se chama Gato.” Nós nos sentimos muito menos superiores depois disso, o que foi bom. Entrei no estacionamento. Esperei que um strike soasse na pista de boliche — obrigado, obrigado, amigos — e então saí do carro. Admirei as redondezas, ainda não entediado com aquela visão: a atarracada agência dos correios de tijolos claros do outro lado da rua (agora fechada aos sábados), o prédio de escritórios bege despretensioso um pouco abaixo (agora fechado, ponto). A cidade não era próspera, não mais, nem de longe. Que diabo, ela não era sequer original, sendo uma de duas Carthage, Missouri — a nossa é tecnicamente a Carthage do Norte, o que dá a impressão de que são cidades gêmeas, embora a nossa fique a centenas de quilômetros da outra e seja a menor das duas: uma pitoresca cidadezinha dos anos cinquenta que inchara até

se tornar um subúrbio de porte médio e apelidara isso de progresso. Ainda assim, era onde minha mãe crescera e onde ela criara Go e a mim, de modo que tinha alguma história. A minha, pelo menos. Enquanto eu caminhava na direção do bar, atravessando o estacionamento de concreto e ervas daninhas, olhei para o final da rua e vi o rio. É o que eu sempre adorei em nossa cidade: não havíamos sido construídos em um promontório seguro debruçado sobre o Mississippi — estávamos no Mississippi. Eu podia descer a rua e entrar diretamente nele, uma queda fácil de menos de um metro, e estaria a caminho do Tennessee. Todos os prédios do centro da cidade têm linhas riscadas à mão no ponto a que o rio chegou nas inundações de 61, 75, 84, 93, 2007, 2008, 2011. E assim por diante. O rio não estava cheio agora, mas corria com urgência, em fortes e viscosas correntes. Movendo-se no mesmo ritmo que o rio, uma comprida fila indiana de homens, os olhos voltados para os pés, ombros tensos, caminhava resolutamente para lugar nenhum. Eu os observava e um deles de repente ergueu os olhos para mim, seu rosto na sombra, uma escuridão oval. Desviei o olhar. Senti uma imediata e intensa necessidade de entrar. Depois de andar seis metros, meu pescoço borbulhava de suor. O sol ainda era um olho raivoso no céu. Você foi visto. Minhas entranhas se contorceram e me apressei. Precisava de uma bebida.

## AMY ELLIOTT 8 DE JANEIRO DE 2005

### ANOTAÇÃO EM DIÁRIO

Lá lá lá! Estou sorrindo um grande sorriso de órfão adotado enquanto escrevo isto. Tenho até vergonha de estar tão feliz. Como um desenho em tecnicolor de uma adolescente falando ao telefone com os cabelos presos em um rabo de cavalo, o balão em cima de minha cabeça dizendo: Conheci um rapaz! Mas foi mesmo. Essa é uma verdade técnica, empírica. Conheci um rapaz, um cara fantástico, lindo, um sujeito divertido pacas. Vou descrever a cena, pois ela merece ficar para a posteridade (não, por favor, não estou tão maluca, posteridade! Pff). Ainda assim. Não é a noite da virada, mas ainda estamos bem no comecinho do novo ano. É inverno: escureceu cedo, o frio é congelante. Carmen, uma nova amiga —

semiamiga, pouco amiga, o tipo de amiga com quem você não desmarca —, me convenceu a ir ao Brooklyn, a uma das festas dos seus amigos escritores. Eu gosto de uma boa festa de escritores, eu gosto de escritores, sou filha de escritores, sou escritora. Ainda adoro rabiscar essa palavra — ESCRITORA — sempre que um formulário, questionário ou documento pergunta qual é minha ocupação. Certo, eu escrevo testes de personalidade, não escrevo sobre as Grandes Questões da Atualidade, mas acho justo dizer que sou escritora. Estou usando este diário para melhorar: para refinar minhas habilidades, coletar detalhes e observações. Para criar imagens e aquelas outras baboseiras de escritores. (Sorriso de órfão adotado não é nada mau, vamos lá.) Mas na verdade eu acho mesmo que meus testes já me classificam pelo menos a título honorário. Certo? Em uma festa, você se encontra cercada por jornalistas genuinamente talentosos, que trabalham em jornais e revistas respeitados e de alto nível. Você é uma mera redatora de testes para revistas de fofoca. Quando alguém lhe pergunta o que faz da vida, você: a) Fica constrangida e diz: “Escrevo testes, só, besteira!” b) Parte para a ofensiva: “Agora sou escritora, mas estou pensando em algo mais desafiador e que valha mais a pena, por quê? O que você faz?” c) Orgulha-se de suas conquistas: “Escrevo testes de personalidade usando o conhecimento obtido em meu mestrado em psicologia. Ah, e um fato curioso: sou a inspiração para uma adorada série de livros infantis, tenho certeza de que você conhece. Amy Exemplar. É, engole essa, seu otário metido!”

Resposta: C, totalmente C. Enfim, a festa é de um dos amigos próximos de Carmen, que escreve sobre filmes para uma revista de cinema e que é muito engraçado, segundo Carmen. Por um segundo, temo que ela queira nos juntar: não estou interessada em ser juntada a ninguém. Eu preciso ser emboscada, pega distraída, como alguma espécie feroz de chagal do amor. Do contrário, fico constrangida demais. Eu me flagro tentando ser charmosa, e então me dou conta de que é óbvio que estou tentando ser charmosa, e então tento ser ainda mais charmosa para compensar o falso charme e aí basicamente me transformo em Liza Minnelli: estou dançando de meia-calça e lantejoulas, implorando para que você me ame. Há um chapéu-coco, gestos exagerados e muitos dentes. Mas não, percebo, enquanto Carmen fala sem parar sobre seu amigo: ela gosta dele. Que bom. Subimos três lances de escadas em zigue-zague e entramos em uma agitação de calor humano e literariedade: muitos óculos de armação preta e cabeleiras poderosas, falsas camisas de caubói e blusas de gola alta



multicoloridas; jponas de lã preta jogadas sobre todo o sofá, formando pilhas no chão; um pôster alemão de Os implacáveis (Ihre Chance war gleich Null!) cobrindo uma parede com a tinta descascando. Franz Ferdinand no aparelho de som: “Take Me Out”. Meia dúzia de homens se amontoa em volta de uma mesa de jogo onde estão arrumadas as bebidas, servindo seus copos novamente após alguns goles, muito conscientes do pouco que resta. Eu me enfio no meio, apontando meu copo de plástico para o centro como quem pede dinheiro, consigo uns cubos de gelo e um choro de vodca de um cara de rosto gentil vestindo uma camiseta do Space Invaders. Uma garrafa de licor de maçã verde de aparência letal, a oferta irônica do anfitrião, logo será nosso destino, caso ninguém saia para comprar mais bebida, e isso parece improvável, já que todos claramente acreditam que foram eles que fizeram isso da última vez. É definitivamente uma festa de janeiro, todos ainda empanturrados e cheios de açúcar das festas de fim de ano, ao mesmo tempo preguiçosos e irritadiços. Uma festa onde as pessoas bebem demais e se metem em brigas com palavras inteligentes, soprando fumaça de cigarro por uma janela aberta, mesmo depois de o anfitrião ter pedido que elas fossem para o lado de fora. Já conversamos uns com os outros em mil festas de fim de ano, não temos mais nada a dizer, estamos coletivamente entediados, mas não queremos voltar para o frio de janeiro; nossas pernas ainda doem de subir os degraus do metrô. Perdi Carmem para seu anfitrião galã — estão tendo uma conversa intensa em um canto da cozinha, os dois com as costas arqueadas, os rostos voltados um para o outro na forma de um coração. Que bom. Penso em comer, para ter algo a fazer além de ficar parada no meio da sala, sorrindo como a aluna nova no refeitório. Mas já acabou quase tudo. Há alguns restos de batata frita no fundo de um enorme pote plástico. Uma bandeja de supermercado cheia de cenouras velhas, aipo amassado e um creme parecendo sêmen repousa intocada em uma mesinha de centro, cigarros espalhados como pedaços extras de legume. Estou cuidando da minha vida, minha vida impulsiva: e se eu pulasse da varanda neste exato momento? E se eu desse um beijo de língua no sem-teto na minha frente no metrô? E se eu me sentasse sozinha no chão dessa festa e comesse tudo naquela bandeja, incluindo os cigarros? — Por favor, não coma nada dali — diz ele. É ele (tã, tã, TÃÃÃ!), mas eu ainda não sei que é ele (tã-tã-tããã). Sei que é um cara que conversará comigo, ele veste sua arrogância como uma camiseta engraçadinha, mas nele cai bem. É o tipo de cara que age como

alguém que transa muito, um cara que gosta de mulheres, um cara que poderia me comer direito. Eu gostaria de ser comida direito! Minha vida sexual parece girar em torno de três tipos de homens: riquinhos da Ivy League que acreditam ser personagens de um romance de Fitzgerald; caras desonestos de Wall Street com cifrões nos olhos, ouvidos e bocas; e garotos sensíveis e metidos a inteligentes que são tão convencidos que tudo parece uma piada. Os do tipo Fitzgerald tendem a ser ineficientemente pornográficos na cama, muito barulho e acrobacia com muito pouco resultado. Os caras do mercado financeiro ficam furiosos e flácidos. Os metidos a inteligentes fodem como se estivessem compondo uma peça de math rock: esta mão dedilha aqui, depois este dedo oferece uma bela linha de baixo... Estou parecendo meio vadia, não é? Pausa enquanto calculo quantos... Onze. Nada mau. Sempre achei que uma dúzia fosse um número redondo e razoável para encerrar a conta. — Sério — continua o número doze. (Rá!) —, afaste-se da bandeja. James tem três outras comidas na geladeira. Posso fazer uma azeitona com mostarda para você. Mas uma azeitona só. Mas uma azeitona só. A frase é apenas um pouco engraçada, mas já tem o clima de uma piada interna, que ficará mais engraçada com a repetição nostálgica. Penso: daqui a um ano, estaremos caminhando pela ponte do Brooklyn ao pôr do sol e um de nós vai sussurrar “Mas uma azeitona só”, e começaremos a rir. (Então eu me contenho. Se ele soubesse que eu já estava pensando em daqui a um ano, sairia correndo e eu seria obrigada a encorajá-lo.) Admito que sorrio principalmente porque ele é lindo. Lindo de deixar a pessoa distraída, o tipo de aparência que faz seus olhos revirarem, que faz você querer mencionar o fato — “Você sabe que é lindo, não sabe?” — e continuar com a conversa. Aposto que os homens o odeiam: ele parece o vilão riquinho em um filme adolescente dos anos oitenta, aquele que atormenta o menino diferente e sensível, aquele que acaba com uma torta na cara, o chantili escorrendo por sua gola levantada enquanto todos na lanchonete aplaudem. Mas ele não age assim. Seu nome é Nick. Adorei. Faz com que ele pareça legal, e comum, o que ele é. Quando ele me diz seu nome eu falo: “Bem, esse é um nome de verdade.” Ele se ilumina e manda mais uma: “Nick é o tipo de cara com quem você pode tomar uma cerveja, o tipo de cara que não se importa se você vomitar no carro dele. Nick!” Ele faz uma série de trocadilhos medonhos. Eu saco uns três quartos de suas referências cinematográficas. Dois terços, talvez. (Nota mental: alugar Garota Sinal Verde .) Ele enche meu copo novamente sem

que eu tenha de pedir, conseguindo de algum jeito uma última dose da coisa boa. Ele me reivindicou, colocou uma bandeira em mim: Cheguei aqui primeiro, ela é minha, minha. Depois de minha recente série de homens pós-feministas nervosos e respeitosos, é legal ser um território. Ele tem um grande sorriso, um sorriso de gato. Deveria tossir penas amarelas de Piu-piu, do jeito que sorri para mim. Não pergunta o que eu faço da vida, o que é legal, para variar. (Sou escritora, já mencionei isso?) Fala comigo em seu sotaque fluvial do Missouri; nascido e criado na periferia de Hannibal, a cidade da infância de Mark Twain, que inspirou Tom Sawyer. Ele me diz que quando adolescente trabalhou em um navio a vapor, jantar e jazz para os turistas. E quando eu rio (menina mimada de Nova York que nunca se aventurou naqueles grandes estados difíceis do Meio-Oeste, aqueles Estados Onde Muitas Outras Pessoas Vivem), ele me informa que o Missoura é um lugar mágico, o mais lindo do mundo, não há nenhum estado mais glorioso. Seu olhar é malicioso, seus cílios, compridos. Posso imaginar como ele era quando criança. Dividimos um táxi para casa, as luzes da rua criando sombras confusas e o carro acelerando como se estivéssemos sendo perseguidos. É uma hora da manhã quando chegamos a um dos inexplicáveis bloqueios de Nova York, a doze quarteirões do meu apartamento. Então saímos do táxi para o frio, para o grande E Agora? E Nick começa a andar comigo em direção à minha casa, sua mão na base das minhas costas, nosso rosto paralisado pelo frio. Quando viramos a esquina, uma padaria está recebendo um carregamento de açúcar a granel, levando-o para o porão como se fosse cimento, e não conseguimos ver nada além das silhuetas dos entregadores na nuvem branca e doce. A rua está tomada, Nick me puxa para perto e abre aquele sorriso novamente, pega um único cacho dos meus cabelos entre dois dedos e os desliza até a ponta, puxando duas vezes, como se tocasse um sino. Seus cílios estão cobertos de açúcar, e antes de se inclinar ele limpa o açúcar dos meus lábios para poder sentir meu gosto.